

## Sobre as ocupações♦

Marcus André Vieira

O que dizer das ocupações do ponto de vista do psicanalista?

Será preciso, antes de mais nada, aceitarmos falar de “ocupações” como de um movimento relativamente coeso, que se reconhece nos mais variados matizes desde 2011, mesmo nas ocupações em curso neste momento no Brasil.

Assumirei ainda que há algo novo e vivo nas ocupações tomadas como um conjunto, o que justifica uma relativa suspensão do julgamento sobre este conjunto. Em vez de tomar posição, chamá-las de “invasões”, por exemplo, quero buscar alguma leitura, interessada e necessariamente precária.

E então? Em minha frequência intensa e fragmentada dos variados suportes, intensos e fragmentados, a que pude ter acesso sobre o tema<sup>1</sup>, penso que posso destacar, com alguma segurança coisas grandes e óbvias e colocar uma ou duas questões:

**1.** Duas evidências como ponto de partida: O corpo é elemento fundamental da ocupação, mais especificamente a convergência de corpos para um mesmo espaço. Segunda evidência: Essa reunião de corpos causa perturbações da ordem em que se insere.

É preciso, então, considerar em que essas perturbações são originais ou velhas conhecidas e, para isso, interessa comparar a ocupação com a greve.

O gesto fundamental da greve não é deslocamento e reunião, mas a parada do movimento. Uma categoria de trabalhadores cruza os braços, daí seu poder, o do prejuízo causado na suspensão da atividade. Os que realizam uma ocupação não o fazem como trabalhadores que cruzam os braços. O slogan “sou 99 por cento” do *Occupy* de 2011 tem valor paradigmático por indicar que a ocupação de Wall Street foi realizada exatamente por quem se localizava fora da cadeia de produção, os que não participam da riqueza do sistema financeiro.

Ocupação não é sinônimo de paralisação, vale lembrar que as ocupações nas escolas de São Paulo, por exemplo, vieram impedir seu fechamento ou uma alteração de seu funcionamento.

Justamente por julgarem que uma ocupação é uma paralisação alguns a usam para bloquear, por exemplo, vias de grande circulação. É um engano, tanto dos que assim fazem, quanto dos que com isso encontram elementos para se apoiar em velhas concepções e decidir o quanto a ocupação é fruto apenas de uma nova versão de sindicalistas autoritários ou jovens baderneiros.

**2.** Um passo a mais na especificidade do gesto da ocupação pode ser dado se nos perguntamos quem seria o Outro da ocupação, a quem se dirige ou com que lida. Não é o patrão, este é o Outro da greve, pois é ele que sofre com a paralisação de uma categoria e eventualmente aceita suas reivindicações por conta dos prejuízos causados.

Novamente a ocupação de *Wall Street* é paradigma por mostrar que ela não se endereça a nenhum patrão. Os negócios dos financistas não são afetados pela ocupação de algumas calçadas em sua rua emblemática. O Outro da ciranda financeira é virtual, não precisa de centro vital ou sede, está em toda parte. Apesar disso, não foi à toa que a ocupação ocorresse, ali, naquela rua, pois seu Outro era exatamente o mercado, apenas a intervenção da ocupação sobre este Outro é diferente daquela dos grevistas.<sup>2</sup>

É que este Outro é muito especial. O Outro do mercado é uma presença virtual, está em todo lugar e em lugar nenhum. De *Wall Street* para o Brasil, não podemos dizer que as ocupações das escolas de

---

♦ Uma primeira versão dessas notas foi preparada para a conversação: *Juventude e Contemporaneidade* (EBP/UFPR) em Curitiba, com Fabián L. Romandini e Nohemí Brown, posteriormente redigidas para minha participação na plenária “Grupo, massa ou multidão? (A ocupação das Escolas em São Paulo)”, do XXIº Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, São Paulo, 25 de novembro de 2016.

São Paulo tiveram também como endereçamento esse Outro virtual? De um poder onipresente, mas sem corpo? No caso de São Paulo, ele se apresentou menos em sua face “mercado” e mais “gestão”, o Outro da gestão economicista de nossas vidas. Como poder da cifra, sem corpo, ele ficou mais que patente no projeto de Geraldo Alkmin de reorganização do sistema escolar, ou ainda nas fábricas de escolas de Eduardo Paes. Ambos eram projetos *Excell*, de planilhas e pranchetas movidas a fluxos e números em direção à eficiência (comprovada pelo lucro), como objetivo maior.

**3.** Os gestores são grandes protagonistas em nossos dias, mas seu poder está justamente no plano virtual em que se situam, fora dos corpos e seus desejos singulares. No plano dos corpos há os que fazem e os que criticam, os que atuam e os que assistem. Com o Outro virtual da gestão e do mercado é impossível contar com os parâmetros clássicos. A clássica divisão entre atores e plateia, ou entre teoria e prática não se aplica quando não há corpos, mas apenas cifras e os resultados das composições entre elas que nos dirigem sem que tenhamos contra quem lutar, ou mesmo nos revoltar (como quando vamos ao banco e nos dizem, “nada posso fazer, o sistema caiu” ou “o sistema não aprovou seu crédito”).

A ocupação vem perturbar a ordem desse Outro. Se ela tem algum sucesso nisso é porque ela tampouco funciona no registro clássico. A distinção entre os que agem, fazem passeata por exemplo, e os que a assistem, não faz sentido na ocupação, pois ela cria um espaço relativamente fechado que até pode ser frequentado, mas nunca como turista ou espectador.<sup>3</sup>

Os secundaristas de São Paulo provaram que a gestão empresarial não era a única forma de vida a ser considerada, mas foi preciso tomar as escolas, ocupá-la com ideias e fazeres muito distinto dos da gestão. Este é a intervenção da ocupação. Seu objetivo principal não é a paralisação das atividades, ou os prejuízos que ela causará, mas instituir uma área livre da normatividade sem corpo que nos regula quotidianamente, arrancar desse Outro virtual um pedaço de chão, tornando-o espaço de exceção.

**4.** A ocupação cria um espaço concreto, material, no coração de um Outro virtual. Para isso é preciso materializar este espaço, concretamente, ocupando-o. Só assim, algum destino novo poderá lhe ser dado.

Talvez, a produção deste território de exceção que resiste ao Outro da gestão já seja novidade o bastante, mas sabemos que muito acontece quando os espaços ocupados são ressignificados pelos ocupantes. Para a cidade pode ser nada, uma vez desocupado o espaço, tudo parece voltar ao normal. Muitos dizem que não, que uma nova política está nascendo (ou pelo menos novos quadros para a velha política). Difícil imaginar ou mesmo acompanhar as consequências dos movimentos de ocupação em larga escala. “Lá dentro”, porém, muito acontece e quem participa muitas vezes afirma que nunca mais será o mesmo. No plano que nos interessa mais diretamente, o psicanalista precisa se perguntar pelo que há de fala nestes espaços.

Fala-se muito nas ocupações. Mais “para dentro” que “para fora”: assembleias para resolver o que fazer com o espaço, divisão do trabalho, propostas práticas comuns e intensas discussões sobre encaminhamentos e rumos a definir.<sup>4</sup> Podemos nos perguntar em que medida o que acontece nas escolas ocupadas como experiência de fala é compatível com o inconsciente.

**5.** Em uma análise é comum reviver, como num cinema, cenas cruciais de uma vida. Este *revival* vai se deparando com fragmentos de memória desencaixados, ditos por Freud inconscientes. Não precisam ser monstruosos ou proibidos, são apenas incompatíveis com o que somos. Aquilo não cabe na foto, não sou eu, mas não há como dizer que não faça parte de mim.

Passa-se, por exemplo, da guerra cotidiana com o chefe à infância sob o jugo de um pai autoritário até se chegar a traços repetidos em que as várias cenas desse pai vão cristalizando. Estes detalhes até então fora do foco, fora da consciência, vão se libertando do peso afetivo das cenas de onde emergiram. O romance se torna *hai-cai* composto de traços fundamentais: um modo de girar as

chaves, um pigarro, a faca no pão, vêm dissolver a névoa de revolta em que se via emaranhado o sujeito. Essas falas do inconsciente, ficam assim, sem corpo, mas não sem valor. Ao contrário, são até mais vivas do que antes e passam a funcionar, como o vagalume na escuridão da noite, descrito por Guimarães Rosa como um “psiu de luz”.<sup>5</sup>

O inconsciente é a surpresa do encontro, em nós, com falas-vagalume. Elas tomam o corpo, são verdadeiros acontecimentos sem, porém, se incorporarem.<sup>6</sup> Marcam o caminho sem dar a direção. Teriam lugar nas ocupações?

**6.** Ideias sem corpo não são privilégio da psicanálise. O que é a liberdade senão uma ideia sem corpo, sem sentido bem definido e que por isso mesmo pode mobilizar tantos corpos ao mesmo tempo? As grandes causas estão em nossos dias, porém, em baixa. Mais valorizadas são as falas “com corpo”, emocionadas, transmitindo a coesão entre o que se diz e o que se sente. Quanto mais *incorporadas* dessa forma as ideias, mais serão tidas como verdadeiras.<sup>7</sup>

Na busca de seus vagalumes em meio a um mundo de falas incorporadas ajuda muito ao analista a analogia com a escrita, pois estes traços podem ser lidos como o que se escreve em nós do que vivemos.<sup>8</sup> Dito de outro modo: Uma análise busca no ontem as letras do que está sendo escrito hoje para recompor o amanhã. Neste sentido, talvez estejamos descobrindo nas ocupações falas abertas das quais se poderá amanhã extrair a escrita do que deixaram como futuro.

Escrevo essas notas enquanto meus filhos dormem em ocupações. Só posso, então, esperar que assim seja e que o dia venha com o que se risca na vigília.

---

<sup>1</sup> Um sem número de referências estão disponíveis. Agradeço a Cristina Frederico pelas indicações bibliográficas precisas, das quais destaco apenas o excelente *Escolas de luta*, São Paulo, Veneta, 2015. Como boa introdução ao tema destaco *Occupy*, São Paulo, Boitempo, 2012.

<sup>2</sup> O Outro virtual, aqui, tem como referência o “Outro que não existe” de J. A. Miller que, por sua vez se apóia no *nãotodo* de J. Lacan (cf. Miller, *El Otro que no existe y sus comités de ética*, Buenos Aires, Paidós, 2005. Para as relações deste Outro com o biopoder cf. cf. Vieira, M. A. Restos, *Contra Capa*, 2008, verbete biopoder.

<sup>3</sup> “A ocupação abandona uma das formas clássicas das manifestações políticas desde o nazismo, as passeatas e marchas. Diante de uma multidão disposta às suas margens, a passeata evoca o espetáculo da história que passa diante dos olhos de espectadores passivos (lembramos de Rousseau e sua resistência à concepção parisiense do teatro). Sua visualidade dinâmica, acompanhada de bandeiras tremulando no ar, tem a forma transitória do evento. As ocupações, desde Occupy Wall Street, invertem essa lógica da visualidade e do progresso: estáticas, elas se furtam aos olhares dos curiosos, e só existem para seus próprios atores. Ou melhor: toda repercussão externa é apenas secundária em relação ao que ocorre dentro dos muros ocupados.” (Pinheiro, U. inédito: <https://www.facebook.com/ulysses.pinheiro.1?fref=ts>)

<sup>4</sup> *Escolas de luta*, p. 127.

<sup>5</sup> Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misantropo. Debrucei-me. Noite sem lua, concha sem pérola. [Só vento] e silhuetas de árvores. E um vaga-lume lanterneiro, que riscou um psiu de luz. Guimarães R. J. *Tutaméia: terceiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1967)2001, p. 211. Cf. tb. Didi-Huberman, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*, Belo Horizonte, UFMG, 2011.

<sup>6</sup> Laurent, E. *O avesso da biopolítica*, Rio de Janeiro, JZE, 2016, p. 211. Laurent propõe que “a identificação, mecanismo político por excelência, pode ser relida a partir da inscrição sobre o corpo e do acontecimento de corpo”. Cf. Lacan, J. e Miller J.A.

<sup>7</sup> Talvez porque vivamos dias em que o corpo seja cada vez mais abordado a partir de bisturis ou planilhas – o que nos permitiria ainda entender um pouco da obsessão contemporânea pelas narrativas de sucesso e de auto-superação (e deixo de lado as narrativas religiosas que mereceriam ser examinadas sob o prisma da fala *incorporada*).

<sup>8</sup> Cf. Attié, J. *Le dit et l'Écrit*, Paris, Michéle, 2015.